

SAMPAIO, Cláudia R. **Ver no Escuro**.
Lisboa: Tinta-da-China, 2016, 84 p.

“CORAÇÃO PREFÁCIO À ESPERA DE
SER ESCRITO”: BREVES NOTAS EM
TORNO DE *VER NO ESCURO* (2016), DE
CLÁUDIA R. SAMPAIO

“PREFACE-HEART, WAITING TO BE
WRITTEN”: BRIEF NOTES ON *VER
NO ESCURO* (2016), BY CLÁUDIA R.
SAMPAIO

Ricardo Gil SOEIRO*
Universidade de Lisboa

* Investigador
Doutorado do
Centro de Estudos
Comparatistas,
Faculdade de Letras
da Universidade
de Lisboa:
ricardogilsoeiro@
campus.ul.pt.

Deixe-me colocar-lhe uma questão, senhor Breton. Todos conhecemos a noite e os dois lados que todas as noites têm: a noite dentro de casa e a noite fora de casa. Ou seja: há a tranquilidade e o esperado e há, ainda, o medo e a estranheza. Claro que se poderá sempre dizer que a poesia não se encontra nem num lado nem noutra: a noite tem dois lados e a poesia é a porta da casa no momento em que é aberta e o escuro cobre a relva e o céu. Mas quando alguém tem medo deve correr para casa; e quando sente tédio deve correr para a parte de fora da casa. E a poesia, que parece uma coisa parada, resolve, ao mesmo tempo, o tédio e o medo; o que é bom e dois, sendo uma única, a poesia.

Uma coisa que caminha, ao mesmo tempo, para o seu lado direito e esquerdo não é uma coisa útil (porque a utilidade é assunto de distâncias exatas e previsões em gráficos), é sim uma coisa sagrada e mágica.

Gonçalo M. Tavares, *O Senhor Breton e a Entrevista* (2011, p. 11).

Sabemos como o panorama da novíssima poesia portuguesa é pródigo em marcantes revelações, surpreendentes estreias de tirar o fôlego, fulgurantes meteoritos que abalam o normal curso do rotineiro poe­ta­ri­ano. Sabemos também quão depressa se esgotam essas vácuas hipérboles: as palmas laudatórias apenas duram até à próxima novidade, à seguinte pedrada no charco, afinal estrelas fugazes cujo brilho vai paulatinamente empalidecendo até se retirarem discretamente de cena do volátil firmamento das letras portuguesas.

A verdade, porém, é que uma tal abundância de pequenos nada torna difícil vislumbrar obras meritórias que, não sendo irrepreensíveis, se deixam reconhecer como testemunhos singulares de vozes sólidas que emergem, de pleno direito, da evanescente espuma dos dias. *Ver no Escuro* (Lisboa: Tinta-da-China, 2016), terceiro livro de Cláudia R. Sampaio, constitui um tal testemunho, apontando para a procura dessa língua inaudita a que a poesia sempre almeja.

É notória a evolução desde *Os Dias da Corja* (Do Lado Esquerdo, 2014) e *A Primeira Urina da Manhã* (Douda Correria, 2015). Estamos perante uma escrita mais burilada, mais ciente dos mecanismos técnico-compositivos de que se serve para veicular a sua visão de si e dos outros, do mundo em que ambos se acham. A própria autora sublinha o aprofundamento do labor poético, quando, numa entrevista, refere que: “Escrevia de manhã à noite, lia e relia, escrevia de novo. [...] Nos dois primeiros livros era quase arte bruta, era o que saía o que ficava. Tinha quase pudor em rever os textos. Mas com *Ver no Escuro* foi uma tal obsessão com o aspecto formal, nem sei explicar porquê” (SAMPAIO, 2016b, p. 33).

O discurso irónico e desempoeirado, esse, é o mesmo. A destreza imagética alia-se a uma aguda consciência rítmica que se plasma em composições que, variando no fôlego que ensaiam, cumprem o mesmo desiderato de um desnudamento que tem tanto de irónico como de delicado: “É assim que escrevo, com a alma enfiada nos dedos/ou os dedos enfiados nos olhos/miraculosamente/sentada, respirando,/sendo a faca cortada ao meio/ou sendo a coluna um pouco torta perto de/uma janela quase sempre aberta/como se daí viesse tudo” (SAMPAIO, 2016a, p. 70).

O presente volume abre com um repto de cariz existencial em clave imperativa: “Ardam-se mais à esquerda ou mais à direita/mais a vento de sul ou de norte/mas labaredem-se, sejam fogos que ardem!” (SAMPAIO, 2016a, p. 7). A injunção de índole ontológica que se lança ao leitor deixa adivinhar, desde logo, o fulgor imagético que percorrerá praticamente todos os poemas, promovendo associações inesperadas e reinventando o deslumbramento perante imagens fortes. Um livro que ousa, que enfrenta o assombro, que se assume como puro deleite imagístico, fazendo lembrar em alguns momentos as complexas faces poéticas de Golgona Anghel ou de Raquel Nobre Guerra. “E ascendo-me, grata,/com a poesia dançando entre a/vida e a morte, magnífica/tapando-me a boca toda,/fazendo-me ver no escuro” (SAMPAIO, 2016a, p. 78).

Uma poesia que, embora não incorrendo em frívolas grandiloquências, não enjeita a atracção de um subtil lirismo que amplifica a dimensão emocional: “Entre nós, tudo./Entre nós, a urgência de me ensinares/a empurrar os dias, de vinco fresco/e saudades aos tiros” (SAMPAIO, 2016a, p. 35). Uma tal incandescência existencial (de que Pedro Mexia fala na badana do livro, quando se reporta aos relâmpagos, às brasas e aos incêndios que

inflamam este livro) é o testemunho de um corpo que se escreve, de uma palavra que pensa. Daí também que um crítico como José Mário Silva se reporte à linguagem hipnótica deste livro (SILVA, 2016).

Escrita solta e artilosa (na formulação justa de Henrique Fialho), a poética que nela se desprende descreve, afinal, a dor e o júbilo de estar no mundo, pinta um rosto movente que desconfia de si próprio: “Se me descubro, finjo, mudo de parágrafo,/rebento impiedosamente como contexto/que me fixa em poema./Minto. E posso./Não há nada mais claro do que este bater/de letra contra letra que me faz acordada,/a sugar ânsias, a saber-me viva,/a julgar-me morta” (SAMPAIO, 2016a, p. 30).

A poesia é aqui essa mentira fascinante que desarma, paixão inútil, vela solitária ardendo em câmara escura.

Referências

SAMPAIO, Cláudia R. **Os Dias da Corja**. Coimbra: Do Lado Esquerdo, 2014.

SAMPAIO, Cláudia R. **A Primeira Urina da Manhã**. Lisboa: Douda Correria, 2015.

SAMPAIO, Cláudia R. **Ver no Escuro**. Lisboa: Tinta-da-China, 2016a.

SAMPAIO, Cláudia R. Amor Pela Palavra. **Revista Estante**, Lisboa, 2016b.

SILVA, José Mário. Recensão a *Ver no Escuro*. **Atual!** Lisboa, 2016.

TAVARES, Gonçalo M. **O Senhor Breton e a Entrevista**. Alfragide: Editorial Caminho, 2011.

Recebido em agosto/2017.

Aceito em setembro /2017.